

LOULÉTANO

JORNAL PROGRESSISTA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno 1.500 réis; numero avulso 40 réis. Para fóra de Loulé acresce o preço das estampilhas. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Pablo Garcia Delgado, administrador d'este jornal, rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou rua Barbacem 10 e 12—LOULÉ.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por cada linha, 40 réis; ANNUNCIOS por linha de typo commum, 20 réis; annuncios permanentes, ajuste particular. Anuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 1 exemplar. Não se restituem os originaes enviados á redacção, embora não sejam publicados.

Nos seus estimaveis assignantes e collegas dá as boas festas

A REDACÇÃO

LOULÉ

Os jornaes defensores do governo ainda não estão satisfeitos com a dictadura e alguns d'elles insitam-n'o a que pratique mais actos de força, maiores ainda do que todos os attentados até agora commettidos.

Alguns até ousam dizer que a dictadura não entrou no caminho das violencias. Pois querem ainda maiores violencias do que as que até hoje se têm visto?!

O que foi a dissolução das camaras; o que foi a reforma eleitoral, a dissolução das associações, a reforma administrativa, com a extinção dos concelhos, sobre os quaes o governo quiz exercer vinganças politicas?!

Que foram todos estes factos, senão violencias contra o regimen constitucional e contra os direitos dos povos?!

Pois o que é toda essa dictadura em si senão uma atroz violencia?!

Não sabemos que maiores violencias se tenham praticado em occasiões nomaes, como a que atravessamos.

Houve, por acaso, algum facto que convulsionasse o paiz e que justifique a dictadura implantada pelo governo?

Por mais que escogitemos não encontramos causa justificativa para o procedimento governativo.

O paiz atravessa já de ha muito uma crise economica e financeira cujas conclusões deixam entrever no horisonte do futuro nuvens negras, espessas e muito carregadas. Mas, por ventura, a dictadura do

governo fez-se para debellar essa crise?

Ninguém, com verdade, o poderá afirmar, porque os factos fallam muito mais alto do que tudo o que os órgãos governamentaes possam produzir em defesa dos dictadores.

E' certo e provado que a crise a que nos referimos cada vez mais se agrava com a má administração que tem presidido a todos os actos do governo, que, longe de se esforçar por introduzir a moralidade na administração e fazer o maior numero de economias, para assim equilibrar a receita com a despesa, só tem augmentado consideravelmente esta, esbanjando á larga os rendimentos publicos em escandalosas protecções aos seus amigos.

Assim era preciso para conquistar adeptos, e o governo sabe muito bem aquelle celebre rifão de que *não é com vinagre que se apanham moscas*.

O ministerio, tantas vezes recomposto e que, apesar d'isso, sempre tem vivido divorciado da opinião publica, precisava a todo o transe chamar a si individuos dispostos a collaborar na sua nefanda obra e, para isso, nas circumstancias actuaes, necessario era abrir o cofre inexgotavel das graças.

Effectivamente esse cofre abriu-se e o ministerio viu-se rodeado d'um numero consideravel de comparsas promptos a obedecer á primeira voz; alguns d'esses eram antes inimigos irreconciliaveis do governo e não perdiam occasião d'escrever artigos furibundos contra a marcha da administração publica e de formular por toda a parte as mais tremendas accusações.

Até se lhe chamou *governo de bandides*; pois quem tal ousou escrever está hoje ao lado dos ministros e o jornal onde essa phrase appareceu é um dos maiores defensores da situação.

Por aqui se pode aquilatar das qualidades que concorrem nos que se enfileiraram nas hostes ministeriaes e dos meios de que o governo lançou mão para adquirir defensores.

E ainda ha quem ouse vir a publico declarar que a dictadura não entrou no caminho da violencia.

Esta affirmação, feita com uma ingenuidade em que ninguém acredita, é o cumulo da desfaçatez que caracteriza o ministerio.

Como prova da coherencia do governo deu-se agora um facto engraçado.

Incitaram o rei a que fizesse governo pessoal e isso conseguiram; os jornaes da

situação declararam alto e em bom typo que o rei não só reinava mas que tambem devia governar, e no meio das tropelias tinham sempre o cuidado de attribuir as resoluções mais importantes ao rei, collocando a corôa a descoberto.

Agora, na questão de Villa Viçosa e Borba, em que el-rei declarou a cavalheiros d'esta ultima villa que ia ordenar a sua desanexação de Villa Viçosa, clamam os jornaes governamentaes que o rei não podia dizer isso por ser anti-constitucional.

Tem realmente muita graça o argumento invocado agora pela mesma imprensa que tem apoiado todos os golpes vibrados á constituição do estado!

Pois onde está o regimen constitucional, invocado á ultima hora? Esse regimen desapareceu ha muito para dar lugar ao absolutismo em accção.

Emquanto lhes serviu a theoria por elles proclamada, batiam as palmas de contentes, agora que vêem o principio do desmoronamento da sua obra invocam a constituição, que sempre despresaram!

Coherentes e correctos, como sempre têm sido!

A imprensa da capital é unanime em verberar o procedimento do governo que, em lugar de assegurar os meios de vida aos soldados que em Africa perderam a saude combatendo contra os que se desrespeitaram a bandeira portugueza, consente que alguns d'esses infelizes andem pedindo pelas ruas de Lisboa.

Entendeu o governo que promovendo *Te-Deus* assegurava o futuro d'esses soldados a quem, a uns foi concedida baixa, por terem terminado o tempo, e a outro a junta tambem deu baixa por ter n'elle reconhecido symptomas de fisica.

A um d'elles, do corpo de marinheiros, foi concedida a medalha de prata por actos praticados em Africa, onde esteve dez annos.

O governo recompensa os serviços prestados por esses soldados em Africa, deixando-os passar necessidades a ponto de estenderem a mão á caridade publica.

Isto é vergonhoso e indigno e certamente produzirá pessimo effeito no exercito que, vendo o que succede a estes seus camaradas, fica sabendo qual a sorte que os espera.

Partem os nossos soldados, animados e cheios de saude, regressam enfraquecidos e minados pela doença adquirida n'um clima inhospito e em lugar de lhes proporcionarem as commodidades que o seu estado reclama, têm de caminhar a pé para o hospital, ou mettidos n'um carro, sem condições algumas

Uma noite as aves das floresta ouviram o pequeno Coralino, o mendigo, exclamar entre soluços: — «Ama, sim; ama o mysterio que me cerca, — a ideal da sua alma de creança, que como ella deve ser formoso, um heroe que o seu olhar azul enlouquecesse, um principe poderoso ou mesmo um pagem ou um trovador gentil! Mas o que a princeza não podia sonhar era o amor d'um mendigo, rôto, pallido e triste. «Ah! se em lugar de mendigo á beira das estradas, dormindo ao frio e á chuva nas charneças sem fim, eu fosse um principe, senhor de muitos estados, tendo innumerous vassallos, talvez que Estrella quizesse ser minha esposa. Se eu fosse um principe...

— «Sel o-has, mas com uma condição; disse junto d'elle a fada Edemée protectora do mendigo. «Eu posso transformar-te no principe mais gentil que uma phantasia de princeza tenha idealisado; serás rico, riquíssimo mesmo, terás vassallos e estados; mas nunca, nunca mais poderás juntar de folhas de rosa o caminho que a tua namorada atravessar. «Todas as pétalas em que tocares transformar-se-hão em rubis, saphiras, amethystas e brilhantes. Mas não te deixes encantar por

para tal mister, que aos trambullhões os conduz ao leito da enfermaria e, como ainda isso por si só não baste, deixa-se que recorram a caridade para não morrerem á fome.

Que vergonha e que triste exemplo se fornece ao exercito!

E' assim que o governo procede com os que derramaram o seu sangue e passaram inclemencias para defender a patria!

E pupulam por ahi os syndicatos em que os amigos se saciam para poderem gosar sumptuosas casas luxuosamente mobiladas, contribuindo unicamente para a decadencia da nação com as suas immoralidades e trafigancias!

Que significativo confronto este!

E' verdadeiramente lastimoso o estado em que se encontram os navios de guerra da nossa armada, que continuamente têm necessidade de entrar no dique do Arsenal, ou n'alguma doca para receberem os reparos de que precisam.

Ainda ha poucos dias teve de ir para Lisboa a canhoneira *Lagos*, da esquadilha fiscal, a fim de receber beneficiação, e com o mesmo destino vae em breve partir a canhoneira *Favo* que carece de fabrico.

Esta será substituida na fiscalisação do Algarve pelo vapor *Lidador*.

O que se dá com estas canhoneiras é o mesmo que acontece com os demais vasos de guerra, que alternadamente entram e saem do Arsenal.

Cada vez se reconhece mais a urgente necessidade de um ministro da marinha olhar a sério para o material de que é composta a nossa armada e fazer acquisição de novos vasos que satisfaçam as modernas exigencias n'este genero e que possam singrar os mares sem o risco de near no meio do caminho, ou ter de demandar o porto mais proximo, muitas vezes com grande perigo para toda a tripulação.

E' uma necessidade reconhecida por todos, ainda os menos versados em assumptos d'esta natureza, o levantar a nossa marinha de guerra do estado de abatimento a que chegou.

Referimo-nos, claro está, ao material.

Na terça-feira baixaram á sepultura os restos mortaes do sr. José de Souza Faisca, de 15 annos de idade, filho do sr. Joaquim de Souza Faisca.

A's fitas do caixão pegaram, desde a igreja até á sepultura, os srs. Sebastião Corrêa, Emygdio Rebello Aboim, Thomaz Joaquim Rua Junior e José Estelita Leal.

Ao paes do desditoso mancebo e a toda a familia os nossos sentidos pezames.

todas estas magnificencias, porque talvez ainda desejes tornar a ser o mendigo esfarrapado, a creança em cujos cabellos louros a chuva deixa pequeninas lagrimas d'amor e o sol os seus beijos de fogo!...

— «E poderia um principe formoso, amado e rico, invejar o pequeno mendigo das estradas?! Que importa que todas as pétalas se transformem em pedras preciosas se ellas não de brilhar nas alianças da cerimonia nupcial?!

— «Não, não o amarei nunca! dizia Estrela ao principe Coralino que n'esse dia apparecera na côrte solicitando a mão da princeza. «O meu coração, o meu unico e immenso amor, está ali todo n'aquellas pétalas seccas, «Oh! não, não lhe toque, transformal-as-hia em diamantes que para mim seriam lagrimas de recriminação do ente que amo, do ser mysterioso que todas as manhãs atapetava de folhas de rosa o caminho que eu devia percorrer. «Nunca o vi, nunca! e no entanto, principe ou pagem, trovador ou mendigo, é esse o unico homem que eu despararei, o unico que hei de amar sempre!...

MAGDALENA MARTINS DE CARVALHO.

FOLHETIM

MENDIGO OU PRINCIPE

COMO elle o pequeno mendigo amava a bella princeza dos cabellos d'ouro, que vira um dia n'uma das janellas do palácio, á hora em que os passarinhos da floresta dormitavam encalmados nos esgalhos dos robles e o sol punha phosphorecencias d'um brilho cambiente no dorso espumante das ondas!

Amava-a loucamente com o santo amor da sua alma juvenil.

E todas as manhãs, quando a princeza vinha passear nas alamedas do parque, emolduradas de platanos e hera, achava juncadas de pétalas de rosas as veredas por que costumava correr, os recantos aonde meditava, as grutas aonde lia palpitante de commoções os versos dos trovadores enamorados, a orla dos lagos aonde se debruçava para ver reflectir na superficie serena das aguas a *silhouette* encantadora.

O seu fino instincto de mulher viu n'esta

muda e discreta homenagem a prova de um amor que se retrahia deixando apez de si o perfume, a delicada essencia da sua adoração. Era um thuribulo mal fechado. Era o amor sorrindo na côr estridente d'aquellas pétalas, que em manhãs humidas pareciam conter lagrimas de desespero, — gottas d'agua que o orvalho ali deixara, — e onde a princesita teimava encontrar uma saudade ignota, uma esperanza desfeita.

Creança sonhadora a quem o mysterio apaixonava, quantas vezes o luar lhe ia beijar o busto franzino debruçado nas ogivas rendilhadas, quando á noite ella esperava ansiosa o momento inutilmente desejado de ver atravessar pelas alamedas do parque o vulto d'aquelle que a amava.

Adorava-o! e talvez que o não visse nunca.

No entanto, por cousa alguma d'este mundo ella descobria o seu segredo, a existencia d'esse culto respeitoso que lhe espalhava pétalas de rosas no caminho, com a santa devoção com que os fieis, em dia de festa, espalham alecrim e rosmarinho pelas ruas por que a Virgem deve passar.

Um mau bocado—Um louco

Na noite de quarta-feira deu-se n'esta villa um facto que poderia acarretar sérias consequências e sobre o qual se torna necessaria a adopção de medidas por parte das autoridades competentes.

Narremos:

Na referida noite regressavam a sua casa, depois de terem estado na de seu tio sr. Luiz d'Albuquerque Rebello, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Luiza Rebello e Silva, seu esposo, o sr. dr. Antonio Maria Fructuoso da Silva e seu irmão o sr. Emygdio José Rebello Aboim e quando iam a abrir a porta da rua surge do principio d'esta um homem brandindo um pau e gritando—*ai ladrões que os mato*, reconheceram pela voz e pela estatura que era um individuo morador na mesma rua, e que costumava ser atacado de loucura.

Como não podessem abrir a porta fugiram rua abaixo, passaram á travessa do Chafariz, largo do mesmo nome e travessa do Mealha, onde ainda pretenderam arrombar uma porta para se livrarem do louco que ia em sua perseguição; felizmente este tropeçou no caminho e caiu, dando tempo a que aquelles nossos amigos batessem á porta do sr. Alexandre J. N. Santos, onde se refugiaram já muito extenuados.

A pobre senhora, já falta de forças, ao abrirem-lhe a porta, deixou-se cair na escada.

Já ali, a salvo das iras do louco, lembraram-se de que o melhor e unico modo de se introduzirem em casa era pelo telhado e então os dois bateram á porta do nosso amigo sr. Manoel Rodrigues Corrêa, d'onde, pelo telhado passaram para a casa da sua residência arrombando uma porta.

Vieram em seguida abrir a do quintal, que dá para a rua de S. Sebastião para por ella entrar a sr.^a D. Maria Luiza.

Depois de percorrerem algumas ruas, fugindo, e terem feito de gatos, conseguiram aquelles nossos amigos pôr-se a salvo das iras de um louco que já devia ter sido recolhido nas casas para tal fim instituidas.

Chamamos a atenção da auctoridade administrativa d'este concelho e do sr. governador civil para este facto, que põe em risco a vida de alguma pessoa, porque n'um caso d'estes ha apenas dois caminhos a seguir: fugir, ou, quando este não produza o resultado desejado, e na collisão de se ser agredido por um doido, desfichar sobre este um tiro.

Eahi teriamos que lamentar a morte, ou do perseguido, caso a este lhe fosse impossivel a defeza, ou do irresponsavel que já devia ter sido internado n'um hospital de alienados.

Já não é a primeira vez que facto similhante acontece.

Na segunda-feira anterior, o mesmo louco accommetteu um criado do sr. Sebastião Martins, que se viu obrigado a fugir.

Isto não pôde continuar assim. Antes que aconteça alguma desgraça é conveniente cortar o mal.

E' melhor prevenir do que querer remediar algum mal que não tenha remedio.

Por isso, **providencias sr. governador civil e sr. administrador do concelho.**

Foi reformado o coronel de infantaria sr. Militão José de Souza Coelho.

O governo recebeu do sr. Antonio Ennes, commissario regio em Moçambique, um telegramma dizendo que o regulo rebelde Xichacha tinha sido feito prisioneiro, na margem esquerda do Limpopo, pelo commandante do posto de Changane, sr. Sanchez Miranda, 1.^o tenente de artilheria.

O regulo Xichacha era um d'aquelles que o nosso governo exigia fosse entregue pelo Gungunhana a cuja protecção se tinha recolhido e fóra elle quem, por instigações do mesmo Gungunhana, tinha iniciado a revolta chegando mesmo a atacar as linhas de defeza de Lourenço Marques.

Falta agora apanhar o outro regulo rebelde Mahazuli, havendo esperanças de que em breve seja tambem capturado.

Da Índia tambem o governo recebeu noticias do bom exito da expedição militar para ali enviada a fim de soffocar a revolta.

Foram arrasadas as aldeias e as plantações dos rebeldes.

Os revoltosos perseguidos pelas tropas portuguezas metteram-se no territorio inglez, mas apesar d'essa retirada ficaram prisioneiros muitos rancs e outros indigenas.

Agressão pela policia. Homem morto

Referimo-nos no numero passado a este extraordinario caso, que emocionou e ao mesmo tempo indignou a população d'esta villa, por o crime ter sido praticado por aquelles que têm por dever a manutenção da ordem—os policiaes civis Arez e João Leal, auxiliados n'esta brilhante empresa por dois ou tres populares, com quem aquelles andavam d'orgia.

Se realmente o fallecido praticara algum crime e não tinha sido preso em flagrante delicto, era obrigação da policia dar parte para juizo e não abusar da auctoridade, que lhe dá uma farda que veste, e que alguns nunca deveriam ter posto, para commetter a arbitrariedade que originou a morte d'um homem.

Os aggressores commetteram o crime de abuso d'auctoridade, mas não satisfeitos com isto abalaçaram-se a mais e, como sequencia do primeiro, segundo crime—o de arrombamento e introdução em casa alheia.

Mas a sêde de vingança não estava satisfeita, era necessario sacia-la no corpo de um homem indefez e fraco, collocado em condições de não offerecer resistencia pela superioridade, em numero e em força, dos aggressores; e d'ahi o terceiro e ultimo crime de maior gravidade—o de espancamento de que resultou a morte.

Affirmam-nos pessoas que lhe viram o corpo, que este apresentava vestigios externos dos maus tratos que a policia lhe inflingiu: uma grande mancha do lado direito do peito, talvez a principal, e de cujo logar elle mais se queixava; outras nodos nos braços e pescoço, etc.

No fim de tudo os algozes converteram-se em victimas e enviaram para juizo uma parte carregada, pelo que o infeliz ainda chegou a responder e foi condemnado.

Mas a verdadeira condemnação, a morte, foi lhe dada pela policia.

Resta agora que a justiça proceda rigorosamente, desaggravando a sociedade offendida por aquelles a quem ella incumbiu a missão de fazer respeitar a lei e manter a ordem e que abusando d'esse mandato se converterem em provocadores de desordens e em criminosos.

Tire-se a farda a quem d'ella faz uso indigno, manchando-a com o crime!

Que a justiça castigue com todo o rigor os auctores de tão infame attentado, para que esse castigo sirva d'exemplo e ao mesmo tempo de dique aos muitos abusos que se dão.

Como dissemos, fez-se no dia 11, por ordem do juiz, a autopsia ao cadaver, mas os medicos que a ella procederam ainda não apresentaram o relatório.

Vindas de Castillejos chegaram na quinta-feira a esta villa as ex.^{mas} sr.^{as} D. Dolores Rodrigues Jaldon, D. Catalina Barbosa de Móra e D. Maria das Dóres Martins Barbosa.

Regressou de Lisboa a Faro, na quinta-feira, acompanhado de sua familia o sr. Moisés Bento, negociante israelita, residente n'aquella cidade.

Falleceu em Lisboa, no dia 18, o vice-almirante reformado sr. José Allemão de Mendonça Cisneiros e Faria.

O fallecido contava 61 annos de idade. Desempenhou varias commissões, entre ellas a de estudar n'esta provincia a questão das pescarias, foi presidente do tribunal de guerra e marinha e director da Escola Naval. Paz á sua alma.

Foi concedida a competente licença para receber as ordens de sub-diacano, diacano e presbytero ao ordinando Manuel da Cruz Semedo, de Lagoa.

Incendio:—Hontem pouco depois das duas horas da tarde deram as torres da Misericórdia e Matriz signal de incendio, sabendo-se em seguida que este se tinha manifestado n'um predio que o sr. Joaquim Manuel do Pilar tem á entrada da villa, do lado de Faro, e onde fabrica foguetes e outras obras de fogo.

O operario José Povoas achava-se arranjando uns foguetes e fumando ao mesmo tempo, quando uma faísca intencionou o material que estava proximo, comunicando-se-lhe o fogo ao rosto.

Jose Povoas teve de recolher ao hospital por ter ficado com o rosto bastante queimado.

O incendio foi promptamente extinto e, além do desastre acima mencionado, não teve maiores consequências.

Aos habitantes de Albufeira

Não me sendo facil agradecer pessoalmente a todos os habitantes de Albufeira a prova de consideração e estima, que acabam de dar-me, promovendo um abaixo assignado, habilmente redigido, pedindo a Sua Magestade El-Rei a minha apresentação n'esta egreja, venho á imprensa cumprir um dever sagrado, agradecendo a todos, a todos que assignaram, e ainda aos que o não fizeram, por não saberem escrever, sobejando-lhes vontade ampla de me mostrarem o quanto me estimam e consideram.

Penhoradissimo e muito grato, aqui protesto o meu eterno reconhecimento, por esta manifestação expontanea de sympathia, de que não sou digno, e que nunca esquecerei, como prova da generosidade e bondade d'um povo, essencialmente respeitador da religião e de seus ministros, e que sabe comprehender a necessidade de manter-se o principio religioso, e o respeito pelas leis e pela auctoridade, como elemento indispensavel para a manutenção da ordem e do progresso social.

Albufeira, 16 de dezembro de 1895.
—PADRE ALEXANDRE JOÃO DO NASCIMENTO.

Realisou-se, nos dias 19 e 20 do corrente, o mercado annual de S. Bartholomeu de Messines, que esteve pouco animado, em consequencia da chuva, que cahiu na vespera, ter afugentado a concorrência.

Regressou de Lisboa a Faro, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, o sr. Abrahão Amram, abastado proprietario da capital d'este districto.

Falleceu hontem um filhinho do nosso amigo e assignante sr. Marçal Antonio, bemquisto commerciante d'esta villa.

Associamo-nos á dôr-dos paes.

O sr. dr. Manuel Thomaz Socero da Silveira, professor interino do lyceu de Faro, partiu para Lisboa a fim de fazer concurso para professor de instrucção secundaria.

As canhoneiras da fiscalisação Açor e Faro abalroaram na quinta-feira ficando esta ultima com algumas avarias.

O illustre cathedratico da Universidade de Madrid, sr. D. Antonio Sanchez Moguel visitou na semana finda algumas terras d'esta provincia.

O n.^o 23 do *Amphion*, revista quinzenal de musica e theatros traz a photo-gravura de Frederico do Nascimento, violoncellista distincto, nascido em Setubal e hoje professor de violoncello e harmonia no Instituto Nacional de Musica, no Rio de Janeiro.

Eis o sumario:

Chronica quinzenal, Lino d'Assumpção; A musica: A arte do seculo XIX, de F. A. Garret; Reminiscencias musicas; Capella russa e origem dos contos slavo-russos, V. F. Braga; Amadores de musica—Real Academia, B. F.; theatros, noticiario, correspondencia, folhetim, etc.

Egualdades

Narram nos o seguinte:

O escrivão de fazenda do supprimido concelho de Castro Marim, sr. Francisco Silvestre de Souza Rocha, por ser cunhado e primo dos srs. Celoricos, influentes progressistas d'aquella localidade, foi mandado recolher a toda a pressa á repartição de fazenda districtal, apesar de estar no goso de licença por motivo de doença; e o sr. José Antonio Faísca Mimoso, *prestando serviço* na fiscalisação do sello, e não inspector, como se diz, no districto de Beja, tem amplos poderes para andar galopando em Castro Marim, como andou nas passadas eleições.

Ali está desde o dia 25 do mez que findou, fóra do seu districto, mas recebendo dois mil e tantos réis por dia.

Podir providencias, sabemos que é bradar no deserto, porque acima dos interesses do thesouro e do serviço publico estão os d'uma politica mesquinha e vingativa.

Edonustre:—Na sexta-feira ultima, quando Vicente Apollo conduzia para esta villa um carro carregado, pouco antes de chegar ao antigo convento de Santo Antonio, onde ha uma subida, as muars recuaram, indo o carro apanhar o cego Jacola, que ali se achava sentado, passando-lhe a roda pela parte superior da perna direita.

O cego deu entrada no hospital.

Ao publico e á imprensa

A redacção do *Jornal dos Cegos* roga a todas as pessoas cegas, ou ás que conheçam cegos, e em especial aos medicos e aos parochos de todas as freguezias do paiz, o favor de enviarem ao escriptorio do jornal (Rocio—Lisboa) até ao fim corrente mez as seguintes indicações: 1) nome e morada do cego; 2) idade 3) causa da cegueira; 4) desde quando perdeu a vista.

As pessoas cegas, que não sejam pobres, que informarem que prescindem de qualquer beneficio futuro que possa advir para os seus companheiros no infortunio, pelo conhecimento d'esta estatística, a redacção offerecerá a colleção de um anno do *Jornal dos Cegos*.

Roga-se tambem ás redacções de todos os jornaes do paiz o obsequio de transcreverem este pedido até ao fim do anno.

O intuito da redacção é obter a estatística que existe em todos os paizes, excepto em Portugal.

No porto de Faro acha-se a descarga a barca sueca *Familien* que trouxe um carregamento de madeira de casquinha para o nosso amigo sr. Manoel Rodrigues Corrêa.

Estadas

Esteve n'esta villa, na terça-feira, o sr. Manuel Joaquim Gonçalves Boticas, socio da casa J. Ramos & C.^{ta}

Tambem aqui vimos na semana finda o sr. Joaquim Pedro de Mattos, abastado proprietario de Monte-Mor-Novo.

O nosso assignante de Salir sr. Manuel Antonio Pereira veio aqui hontem tratar dos seus negocios.

Esteve hontem n'esta redacção o sr. Antonio Francisco d'Oliveira, nosso assignante de S. Lourenço d'Almancil.

Acha-se n'esta terra o sr. Luciano Maria Baptista, activo empregado do sr. Agnello Barbosa, de Lisboa.

Falta d'espaco

Não podemos dar hoje logar, por falta de espaco, a uma poesia que d'Oran nos enviou o nosso amigo Luiz Adiba.

Pelo mesmo motivo deixamos tambem de publicar uma correspondencia de Boliqueime. Irá tudo no proximo numero.

Tivemos o prazer de receber hontem a visita do nosso amigo sr. Ezequiel do Soveral Rodrigues, de S. Thiago de Cacem.

Falleceu a filhinha do nosso amigo sr. Francisco Viegas Pinto, do sítio dos Vallarinhos.

Acompanhamos os paes no desgosto por que passaram.

Realisa-se hoje no theatro *Letias*, de Faro, a primeira recita dada por um grupo de amadores.

O espectáculo constará da comedia em dois actos *Mascara Verde* e a oppereta em um acto *Tio Braz*.

A entrada na platéa só será permitida aos assignantes, forasteiros e filhos de familia.

O sr. ministro da marinha ordenou que, aproveitanto-se a madeira que existe no deposito da Azinheira, se proceda aos estudos para a construcção de uma corveta do typo da *Afonso de Albuquerque* com a velocidade de 12 milhas.

Esta corveta devera ser construida no Arsenal.

BANCO DE PORTUGAL

Tendo sido apresentado para troca na sêde do Banco de Portugal, Caixa Filial e Agencias, um grande numero de notas de todos os typos e valores, compostas de fracções de outras notas, com o fim provado de defraudar este estabelecimento de credito, o Conselho de Administracção do Banco faz saber que somente serão recebidas na sêde, Caixa Filial e Agencias, as notas que tiverem sem viciação os dois numeros eguaes, a série e as assignaturas.

Lisboa, 13 de dezembro de 1895.

Pelo Banco de Portugal

OS DIRECTORES
A. J. Gomes Netto.
Julio José Pires.

O GOVERNADOR

Julio Marques de Vilhena.

Kalendario da semana



DEZEMBRO 31 DIAS

- 22, Domingo—S. Honorato. S. Fluviano.
 23, Segunda—S. Servulo. St.^a Victoria.
 24, Terça—S. Gregorio. St.^a Irmina. V.
 25, Quarta—Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.
 26, Quinta—S. Estevão. S. Marinho, M.
 27, Sexta—S. João, Ap. e Evangelista.
 28, Sabbado—S. Troadio, M.

QUADROS

DA

Dominação musulmana no nosso paiz

Os luso-arabes
PRIMEIRA PARTE

IBN-AMMAR

V

O israelita

N'isto abriu-se a porta lentamente, e appareceu, por detrás do batente, a figura magra e rachitica de um velho, vestido de preto, com uma larga cinta amarella, a que chamavam *roda*, distinctivo dos israelitas. Entrando, e tirando cortezmente o barrete de lã tambem amarello, o velho saudou com estas palavras:

—Que o Deus de Ibrahim e de Ishaq seja comvosco.

—Já! disse o fazeleiro, pouco satisfeito. Este anno appareces muito cedo, rabbi

—Então, Yahya (João), disse o israelita, aos bons pagadores são a quem primeiro nos dirigim em occasiões de apuros.

Olhando em torno, procurou on e sentar-se, e, vendo um mocho junto da mesa do estudante, preparava-se para se sentar n'elle.

Ibn Ammar, porém, apesar de toda a sua philosophia, sentiu um repugnancia instinctiva em se ver ao lado de um judeu; afastou um pouco a cadeira e deu por terminada a sua refeição.

O israelita, pegando no banco, approximou-o da mesa de Yahya.

Então o frade levantou-se tambem e começou a passeiar, affectando indifferença.

Mariam, com o seu modo meigo, voltou-se para o israelita, dizendo:

—Queres comer, rabbi?

—Obrigado, Mariam, disse o judeu. Bem sabes que a minha lei me prohibe comer carne de animal que não seja morto pelo meu sacerdote.

—Tens razão, Musa (Moisés), disse Mariam. Aqui estamos nós representando tres religiões differentes, que todas adoram o Creator do Mundo; e, todavia, parece-me que o Ente Supremo se regosijaria mais se nos visse a todos comer juntos como irmãos. Mas, como isso não pôde ser, infelizmente, aceita alguns d'estes figos ou um cacho d'esta uva que hoje colhi na no-sa cerca que é esplendido.

—Obrigado, Mar am, sahí ha pouco de Silves, e o meu macho—lindo animal que elle esta agora, gordo como um urco—trouxe-me aqui n'um abrir e fechar d'olhos. Prendi-o ali fóra á nogueira, onde achou um seu semelhante, se tal se pôde dizer d'um bicho, a que não sei que nome dar.

E olhava com desprezo para o estudante que e njeturou ser don da alimaria.

—Pois, amigo Yahya, continuou voltando-se para o faz n'leiro. Este anno v-nho mais cedo cobrar o d'iz a (capitação) e o kara'ij (contribuição pre tial) porque o nosso wali precia dinheiro, muito dinheiro; pois, sem dinheiro não se pôde fazer guerra.

—Guorra! clamaram todos acereando-se do juden.

—Então é muito grande a força auxiliar que o nosso wali envia a Ibn Abbad contra Toledo?

—Contra Toledo! exclamou o israelita irenicamente. Por Davoul e Soleyman, como estas strazado en politica. Não é contra Toledo, e como alliado de Ibn Abbad, que o nosso joven senhor Abu-l-Aghagh Isá prepara a guerra.

E' para defender os seus estados d'uma invasão que o mesmo Ibn Abbad, o Motadhir, está organisando contra elle.

—Um invasão no nosso paiz! exclamou Mariam assustada. Agora que a guerra parecia afastar-se de nós, vamos ter a nos nossos proprios campos. Vala-nos a Mãe do Salvador.

—Pois é como lhes digo, continuou o judeu. Os walis de Niebla, de Okssonoba e Silves vieram muito descontentes da conferencia de Sevilla.

(Continua.) OLIVEIRA PARREIRA.

ANNUNCIOS

CERTIDÃO

Thomaz Joaquim Rua, escrivão privativo do tribunal commercial de Loulé.

CERTIFICÓ que n'esta data o tribunal commercial d'esta comarca, declaron em estado de quebra o commerciante João Simões Figueiredo, d'Alte; nomeou para administrador da massa Thomaz Joaquim Rua Junior e para curadores fiscaes Joaquim Pedro de Mattos, de Lisboa e Domingos Correia de

Carvalho, de Castanheira de Pera, comarca de Figueiró dos Vinhos e marcou o prazo de quarenta dias para a reclamação dos creditos.

Loulé, 19 de dezembro de 1895.

O escrivão,
Thomaz Joaquim Rua.

ARREMATACÃO

2.º annuncio

No domingo 29 do corrente em Albufeira, por virtude de execução que a firma commercial de Lisboa, Santos & Aguiar move contra o executado João das Neves de Sousa Ramos, e no estabelecimento commercial d'este se não-de vender em hasta publica os seguintes artigos e immobiliarios:

A armação do estabelecimento que se compõe de prateleiras, gavetas e balcão e tudo é de madeira de pinho, avaliado em doze mil réis.

Seis latas cheias de bolachas, avaliadas em cinco mil setecentos e sessenta réis.

Dezesseis latas com pequenas porções de bolachas differentes mas sem valor e enjas latas avaliadas em trezentos e vinte réis.

Vinte nove maços de pregos de cobre e que foram avaliados em vinte e oito mil e quinhentos réis.

Setenta grosas de phosphoros de enxofre a quinhentos réis a grossa, tudo avaliado em trinta e cinco mil réis.

Quarenta e duas duzias de caixas de phosphoros amorphos, avaliados em trez mil trezentos e sessenta réis; trinta grosas de livros de papel de fumar, hespanhol, avaliadas em doze mil réis; oito caixas de papel Duc, numero setenta e oito, avaliadas em cinco mil e seiscentos; vinte e quatro caixas de botões para calças, avaliadas em mil novecentos e vinte; cento e dois maços de carros de linha branca e preta avaliados em vinte e quatro mil e oitocentos; seis caixas contendo seis carros de linha de côr e duzentos trinta e seis ditos em differentes caixas avaliados em sete mil duzentos e vinte cinco réis; onze escovas finas para lato avaliadas em oitocentos e oitenta réis, e mais dez um pouco mais ordinarias avaliadas em seiscentos réis e tudo prefaz mil quatrocentos e oitenta réis.

Sete escovas para graxa avaliadas em duzentos oitenta réis e uma meia resma de papel pautado de trinta linhas avaliada em novecentos réis e tudo prefaz mil cento e oitenta réis; duas torneiras de metal amarello avaliadas em duzentos e oitenta réis; seis ditas de madeira avaliadas em duzentos e quarenta réis; cinco pinceis para barba avaliados em quatrocentos réis, tudo prefaz novecentos e vinte réis; oito grosas de colchetes amarellos, brancos e pretos avaliados em quatro mil réis; dezenove thesouras de differentes tamanhos avaliadas em mil quinhentos e vinte réis; oito maços de linha branca a vinte quartas cada maço avaliado em quatro mil réis; cinco maços completos de linhas de coser para meia avaliados em tres mil réis; cincoenta quartas da dita, solta, branca e vinle de côr avaliadas em mil e trezentos réis; vinte maços de sterina Chepel, avaliados em dois mil quinhentos e vinte réis; trinta e sete maços de vellas de marca «navio» avaliados em dois mil e seiscentos réis; dezesseis ditos de cinco em pacote avaliados em mil duzentos oitenta réis; dezoito ditos de vellas para trens, avaliados em mil quatrocentos réis o que tudo prefaz sete mil duzentos e quarenta réis.

Oito puchadores de madeira avaliados em oitenta réis; vinte e quatro jogos de agulhas, avaliados em oitenta réis; cincoenta fuzis para fogo de cigarro avaliados em quinhentos réis; quatro metros de isca de cordão, não sellada, avaliada em quarenta réis; quinze fuzis com isca avaliados em trezentos réis o que tudo prefaz mil réis.

Trinta e seis camarões de metal amarello avaliados em cento e oitenta réis; doze sovellas para sapateiro, avaliadas em quarenta réis; cinco maços de nastro n.º 2, avaliados em quinhentos réis; tres milheiros de ganchos para cabelo, avaliados em mil e duzentos réis; vinte e cinco macinhos dos mesmos, de volta, avaliados em quinhentos réis o que tudo prefaz dois mil quatrocentos e vinte réis.

Quarenta cartas de alfinetes amarellos, avaliados em oitocentos réis; duas linhas de tres quinas avaliadas em oitenta réis; dez bolças de borracha para tabace, avaliadas em seiscentos réis o que tudo prefaz a quantia de mil quatrocentos oitenta réis.

Cincoenta grammas de cedas avaliadas em

cem réis; tres maços de novellos de linhas brancas avaliados em duzentos quarenta réis; tres caixas de ditos, para vintem, avaliadas em quatrocentos e oitenta; quatro caixas dos ditos para dez réis, avaliados em oitocentos réis e sete caixas dos ditos para cinco réis avaliados em quinhentos e sessenta o que tudo prefaz dois mil cento e oitenta réis.

Quatro pares de castiças de vidro, brancos, avaliados em seiscentos e quarenta réis; um par dos ditos de vidro, azul, avaliados em duzentos réis; tres galleteiros completos avaliados em seiscentos réis; seis garrafas para os mesmos avaliadas em trezentos réis, o que tudo prefaz mil setecentos e quarenta réis.

Dois frascos de conservas avaliados em trezentos e vinte réis; seis candieiros para petroleo, de vidro, sendo um d'elles de suspensão com seus apetrechos respectivos, avaliados todos na quantia de dois mil réis; quinze copos de vidro de dois decilitros, avaliados em quatrocentos e cinquenta réis; dez ditos de um decilitro avaliados em duzentos réis; oito ditos de meio decilitro avaliados em cem réis; seis ditos lapidados, para agua, avaliados em novecentos réis o que tudo prefaz mil seiscentos e cinquenta rs.

Cinco pratos de vidro avaliados em duzentos e cinquenta réis; dez ditos um pouco mais pequenos avaliados em quinhentos e cincoenta réis; quatro calices de vidro, para licor, avaliados em cem réis; cinco mantegueiras de vidro avaliadas em mil réis o que tudo prefaz o valor de mil novecentos réis.

Tres assucareiros de vidro avaliados em seiscentos réis; dois pares de jarras de porcellona avaliadas em quatrocentos réis que tudo prefaz o valor de mil réis.

Uma garrafa fina para vinho avaliada em cento e sessenta réis; duas ditas pequenas avaliadas em cem réis; dez frascos de tinta, para escrever, avaliados em mil réis o que tudo prefaz a quantia de mil duzentos e sessenta réis.

Quatro livros em branco, pautados, de cincoenta folhas, avaliados em mil e duzentos réis; quatro ditos, de vinte e cinco folhas, avaliados em oitocentos réis; tres ditos, de cem folhas, avaliados em mil e duzentos réis e dois de cento e cincoenta folhas, avaliados em novecentos réis o que tudo prefaz a quantia de quatro mil e cem réis.

Duzentos e cincoenta subscriptos de marca grande, avaliados em quinhentos réis; uma e meia resma de papel avaliada em mil e duzentos réis, esta para lato e duas ditas de papel branco, avaliadas em mil e cem réis; tres caixas de aparos avaliadas em trezentos e sessenta réis o que tudo prefaz trez mil cento e sessenta réis.

Uma caixa de trança de alpaca preta, avaliada em mil réis; cento e cincoenta sabonetes do Congo avaliados em mil e duzentos réis; vinte e cinco paus de lacre avaliados em duzentos e sessenta réis o que prefaz a quantia de dois mil quatrocentos e sessenta réis; tres caixas de troçal preto contendo todas ellas trinta e quatro carros, avaliadas em mil trezentos e sessenta réis; uma porção de fivellas pretas, amarellas e brancas, para calças, avaliadas em mil réis; trinta e tres verunas para carpinteiro, de differentes tamanhos, avaliadas em seiscentos e sessenta réis o que tudo prefaz oito mil e vinte réis.

Dois bacias com jarro, que avaliaram em novecentos réis; vinte e oito chavenas com pires, loiça ordinaria, avaliadas em mil cento e vinte réis; cinco bules e cinco mantegueiras de loiça avaliados em quinhentos réis, cincoenta e dois pratos de loiça ordinaria avaliados em mil e quarenta réis; seis ditos grandes avaliados em seiscentos réis; treze ditos mais pequenos avaliados em setecentos e oitenta réis, o que todos prefaz quatro mil novecentos e quarenta réis.

Oito bacias de cama avaliadas em seiscentos e quarenta réis, dez canecas para agua avaliadas em quatrocentos réis, prefazendo tudo o valor de mil e quarenta réis.

Dois kilogrammas de chá preto, em mau estado, avaliado em mil réis; um e meio kilogramma de chá miudinho, avaliado em dois mil e setecentos réis, um e meio kilogramma de chá verde, que avaliaram em mil e oitocentos réis, o que prefaz tudo a quantia de cinco mil e quinhentos réis.

Uma balança de braços Rovarble avaliada em mil e quinhentos réis; uma balança decimal de cento e cincoenta kilos, avaliada em tres mil réis; um peso de dois kilos, dois ditos d'um kilo, dois ditos de meio hilo, dois ditos de duzentos grammas, um dito de cem grammas e um sopo de pesos amarellos, faltando-lhe alguns, avaliado em tres mil sete-

centos e quarenta réis, prefazendo tudo seis mil setecentos e quarenta réis.

Dois kilos de macarrão deteriorado, sem valor. Cinco kilos de macarronete tambem deteriorado e sem valor. Dezesseis kilos de massas miudas avaliadas em mil réis; um e meio kilo de pimenta em grão avaliada em trezentos réis; dois kilos de cravinho em mau estado avaliados em seiscentos e quarenta réis, dois ditos de pau de cravo avaliados em quatrocentos réis, um e meio kilo de adubos em pó avaliado em cem réis, dez ditos d'alpista avaliados em oitocentos réis, prefazendo tudo dois mil duzentos e quarenta réis.

Dois kilos de ranella em pau avaliados em seiscentos réis. Treze pacotes de seccante avaliados em seiscentos réis, dez kilos d'alvaia-de em pó avaliados em oitocentos réis, cinco ditos de verde inglez avaliados em mil e quinhentos réis, quatro ditos d'azul avaliados em oitocentos réis, dez ditos de zarcão avaliados em oitocentos réis, quinhentas grammas de terra de scena queimada avaliada em cem rs., dois kilos d'amarello inglez avaliados em seiscentos réis, cinco ditos de roxo rei que avaliaram em oitocentos réis, prefazendo tudo a quantia de seis mil réis.

Seis kilos de crê avaliados em dois mil rs., cinco kilos de grude avaliados em oitocentos rs., que prefaz dois mil e oitocentos réis.

Cem folhas de lixa preta avaliada em mil réis, dezoito pentes de Guimarães grandes e mais tres caixas de pentes de marfim pequenos, contendo cada uma d'ellas uma duzia, a que tudo foi dado o valor de mil e seiscentos réis.

Trinta e oito pinceis de piassaba avaliados em setecentos e sessenta rs., cincoenta e cinco escovas de piassaba avaliadas em mil e cem réis, prefazendo tudo mil oitocentos e sessenta réis.

Um caixote com cento e dezesseis pinceis para pintar, em differentes tamanhos, avaliados todos em dezoito mil e quinhentos réis. Uma caixa de sabão amarello avaliada em dois mil e quatrocentos réis. Uma lata de petroleo incompleta avaliada em quinhentos rs. Uma garrafa de cognac avaliada em quatrocentos rs. Quatro garrafas de vinho do Porto avaliadas em mil quatrocentos e quarenta rs., cinco garrafas de licor avaliadas em mil réis, cincoenta e duas garrafas de gazosas cheias avaliadas em dois mil e seiscentos réis, prefazendo tudo cinco mil quatrocentos e quarenta réis.

Setenta e oito chaminés de vidro para candieiros avaliadas todas em tres mil cento e vinte réis, quatro ferrolhos de ferro grandes e tres ditos pequenos avaliados em novecentos e vinte réis; setenta e quatro lemes pequenos avaliados em mil quatrocentos e oitenta réis, cincoenta e seis dobrigas de ferro avaliadas em mil cento e vinte réis, quarenta e seis fichas avaliadas em novecentos e vinte réis, o que tudo prefaz quatro mil quatrocentos e quarenta réis.

Quarenta e seis fichas pequenas e quinze ditas grandes avaliadas em mil seiscentos e setenta réis, cinco lemes de rabo grandes avaliados em trezentos réis, dezoito ditos pequenos avaliados em setecentos e vinte réis, o que tudo prefaz dois mil seiscentos e noventa réis.

Trinta novellos de fio de gúita para sapateiro avaliados em seiscentos réis, onze ditos de fio amarello para sapateiro avaliados em duzentos e vinte réis, o que tudo prefaz oitocentos e vinte réis.

Um predio urbano onde se encontra o estabelecimento, ainda não concluido exterior e interiormente, de paredes em construcção, situado na rua das Lojas da villa d'Albufeira, avaliado em seiscentos mil réis.

Um predio urbano que se compõe de primeiro andar, lojas, quintaes, varandas, lagar d'azeite com seus respectivos pertences, situado na Rua Direita, em Albufeira, isempto, avaliado em tres contos e duzentos mil réis.

Um armazem na mesma villa d'Albufeira, no sítio denominado Sant'Anna, isempto, avaliado em setecentos mil réis.

Uma casa terrea, que se compõe de quatro compartimentos, situada na Travessa da Ribeira da mesma villa, isempta, avaliada em oitenta mil réis.

Todas estas totalidades sommam na quantia de quatro contos oitocentos quarenta e sete mil novecentos sessenta e cinco réis.

São por este citados quaesquer credores inertes para a arrematação.

Loulé, 12 de dezembro de 1895.

O escrivão.

Sebastião Drago d'Azavedo Lobo.

Visto—BARROS.

(Vão collados os sellos de justiça).

EDITOS

2.º annuncio

PELO tribunal commercial de Loulé, a requerimento de Antonio da Costa Mealha, commerciante d'esta praça, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação do respectivo annuncio na folha official, citando os seguintes credores d'aquelle: Affonso Thomé Marreiros, Bellos & Formigaes, Felix Vrydey, Anvers, Felix Cohen, Rotterdam, Nova Companhia de Moagens Santa Iria, D. Maria Araujo, J. Carias Junior e os incertos, que não aceitaram a concordata proposta pelo mencionado Antonio da Costa Mealha e aceita pela maioria dos credores d'este em numero e creditos, para pagar cincoenta por cento de seus debitos em cinco prestações dentro de cinco annos, a começar em 30 de junho de 1896, afim de opporem o que entenderem conveniente á homologação requerida pelo referido Antonio da Costa Mealha; e isto nos termos do art. 932 do codigo commercial.

Loulé, 11 de dezembro de 1895.

O escrivão,
Thomaz Joaquim Rua.

Visto—BARROSO.

Torno universal

PARA

RELOJOEIRO

Vende-se um com pouco uso e por preço muito razoavel, conjuntamente com um magnifico estojo contendo mais de 100 peças, tudo sem o mais leve defeito.

Tambem se vendem diferentes ferramentas em bom estado, pertencentes a relojoeiro.

Quem pretender dirija-se a **Antonio dos Santos Brito**—LOULE.

BATATA FRANCEZA

Propria para semear

Sentob Sequerra & Irmãos, esperam brevemente a chegada a Faro d'um carregamento da melhor procedencia para semente, tanto em abundancia de producção como excellente qualidade.

Recebem desde já pedidos.

PHOTOGRAPHIA DO POVO

DE

F. CRUZ

(PHOTOGRAPHO DE LISBOA)

46, RUA DA MOTTA, 46—Faro

N'esta casa **unica em todo o paiz que faz trabalhos mais baratos**, executa-se todo o genero de trabalhos photographicos desde o diminuto preço de 500 réis cada duzia de retratos nitidos, até 4\$000 réis cada retrato em tamanho natural, empregando em todos os trabalhos productos de primeira qualidade, vindos directamente da casa PAULENC FAÈRES, de Paris, e tendo machinas especiaes para instantaneos grupos de grande formato e para reproducções ainda as mais difficéis.

Tambem se vae a casa dos freguezes por trabalhos superiores á quantia de 2\$000 réis não sendo fóra da cidade.

Tiram-se retratos a pessoas fallecidas, com grande perfeição, e por preços convencionaes. Fazem-se grupos de corporações, collegios, bandas regimentaes ou philarmonicas, em grande formato.

Clichés gratis. Ha grande collecção de photographias religiosas para vender.

Trabalha-se com todo o tempo. Abre das 8 horas da manhã ás 4 da tarde.

ESTABELECIAMENTO DE MOBILIA

DE

BELLA & BARBOSA

PRAÇA—Loulé

Cadeiras de diferentes modelos, sophás e canapés correspondentes, mesas de cabeceira com uma e duas pedras, ditas para sala, escriptorio, jogo e centro, *etagères* com pedra para sala, commodas e meias commodas, lavatorios de mogno com pedra espelho de crystal e gavetas; ditos de ferro, completos, com valvula; leitos de mogno á ingleza para uma e duas pessoas; ditos de ferro; berços em diversos teitios, espelhos para sala e quarto em diferentes tamanhos, serviços de lavatorio em loiça e zinco; papeis pintados, toalheiras, cabides, candeeiros de suspensão e meza, relógios, espingardas, accessorios para as mesmas, oleados, *baquet* para moldura, oculos e lunetas de todos os graus.

Sortimento completo em ferragens, drogas, tintas, vidros e loiças.

Encarregam-se de quaesquer concertos dos artigos citados, e bem assim, de qualquer encommenda que diga respeito aos mesmos.

CERTIDÃO

Thomaz Joaquim Rua, escrivão privativo do Tribunal Commercial de Loulé.

Certifico que, por sentença de 9 do corrente mez, o tribunal commercial d'esta comarca declarou em estado de quebra o commerciante, d'esta villa José Martins Vasques, nomeou para administrador da massa fallida Eduardo de Freitas Azevedo, de Loulé, e para curadores fiscaes Luiz Eugenio Leitão e Anjos & C.ª de Lisboa, e marcou o prazo de quarenta dias para a reclamação dos creditos.

Loulé, 10 de dezembro de 1895.

E eu, Thomaz Joaquim Rua, escrivão suscrevi e assigno

Thomaz Joaquim Rua.

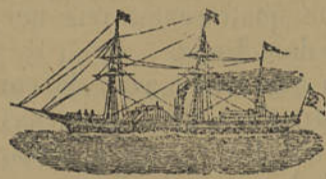
HOTEL MARQUES

POR CIMA DA «ARCADA DA PRAÇA»

LOULE

Permanece aberto e optima-mente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus freguezes continuarão a encontrar, a par do extremo aceio dos quartos, um magnifico serviço de mesa e a maxima modicidade de preços.

HALL'S LINE



Linha de vapores inglezes dos srs. John Hall Jun & C.ª, de Londres.

Carreira semanal para Londres, tocando no porto de Faro todas as sextas-feiras, pela quantidade minima de duas barcas de carga.

Dirigir-se ao agente em Faro,

João P. d'Almeida.

AOS FUMADORES

Papel del CABALLO DE ORO

O papel **Del Caballo de Oro**, além de ser muito fino e de grande solidez, é superior a todos os conhecidos até hoje. Na sua fabricação não entra o chloro nem quaesquer outros acidos nocivos á saude, tendo por isso tanta suavidade que o torna sumamente recommendavel.

O papel **Del Caballo de Oro**, reúne pois todas as boas qualidades que os fumadores possam desejar; é fino, forte, de combustão lenta e suave ao paladar.

Usai pois o papel — DEL CABALLO DE ORO.

UNICO DEPOSITO EM PORTUGAL

Manoel Rodrigues Correa

LOULÉ

Aamazem de Ferragens

E

QUINQUILHERIAS

DE

Valentim, Machado & C.ª

6—RUA DOS DOURADOURES—6

(sobre-loja)

LISBOA

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA BEM CONHECIDA CASA

MEMORIA

DE

SANTOS BEIRÃO & C.ª

LISBOA



UNICOS vendedores da machina **Memoria**, que é, sem exagero, a melhor machina, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas.

Machinas para sapateiro, alfaiate e fazer meias, de varios systemas.

Vendas a prompto pagamento e a prestações. Ensino e concertos gratis.

Encarrega-se de satisfazer qualquer pedido de velocipedes e bicycletas, para o que apresenta os respectivos cathalogs.

Estabelecimento e armazem de fazendas de lã, linho, algodão e seda LEITOS DE FERRO E LAVATORIOS

AGENCIA DA

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

NOS CONCELHOS DE

LOULÉ E ALBUFEIRA

Vendas nas mesmas condições que a referida companhia. Depositos em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliquiteime, Paderne e Sair.

ARMAZEM DE VINHOS

Vinagre, azeite, aguardente, farinhas, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão, phosphoro e obra d'empreita.

MERCEARIAS E DROGAS

Ferragens, tintas, candeeiros, relógios, louças, vidros, perfumarias, quinquilherias, bijouterias, assucar em quadrados para chá ou café e outros artigos de novidade (Especialidade em chá, café e chocolate)

GRANDE E COMPLETO SORTIDO

EM

OCULOS E LUNETAS

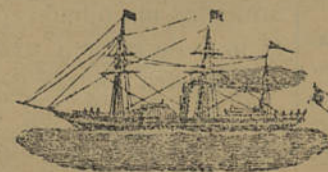
de todos os graus

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, Por preços mollicos

MANUEL RODRIGUES CORREIA

LOULÉ

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excelente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa imprerivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES 4.º

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor tem estabelecidas carreiras entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez oferece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis.

Agente em Faro—João Pereira d'Almeida.